

AS PALAVRAS E A CRIANÇA NA LITERATURA INFANTIL

Érica Nogueira de Santana*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Partindo da leitura de duas obras de literatura infantil - *Marcelo Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha, e *Palavras, palavrinhas & palavrões*, de Ana Maria Machado - e analisando certos conflitos que as crianças-personagem tentam resolver, este artigo busca apontar algumas características da complexa relação que se estabelece entre a criança e as palavras.

1. Introdução

A problemática da palavra pontua algumas obras da literatura infantil de maneira muito forte. Ora o personagem procura, através de diversas estratégias, descobrir o significado de uma palavra, ora ela apresenta-se inesperadamente, deixando-o atordoado. Este estudo propõe analisar a noção (implícita) de palavra presente em dois livros infantis de grande relevância - escolhidos por causa de suas temáticas de forte influência metalingüística e, sobretudo, pelo modo como a noção de palavra é explorada.

O primeiro dos livros analisados é *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha, cujo personagem principal, Marcelo, vê-se às voltas com indagações acerca de uma realidade lingüística nova e por vezes incompreensível: “*Sabe, papai eu acho que o tal latim botou nome errado nas coisas.*”

O segundo livro escolhido para análise é *Palavras, palavrinhas & palavrões*, de Ana Maria Machado. Nessa história uma menina tenta descobrir o que é um palavrão e, com isso, aponta ao leitor a possibilidade de existência de significados diversos para uma mesma palavra, de acordo com os vários usos e os diferentes contextos nos quais é falada.

Ao propor essa análise à luz dos estudos lingüísticos ao nível morfológico, este trabalho pretende problematizar a relação da criança com as palavras e, através disso, apresentar diferentes pontos de vista / noções do termo palavra, ainda que essas crianças sejam constructos da imaginação adulta.

2. Fundamentação teórica

Para refletir sobre as noções de palavra presentes nesses livros, é relevante partir de conceitos de palavra apresentados por alguns estudos lingüísticos no nível morfológico. Laroca (1994) e Azuaga (1996) propuseram algumas características para as palavras e critérios para uma possível identificação, devido à impossibilidade de definição estanque. Em linhas gerais as duas autoras apresentam pontos comuns em suas idéias, mas, enquanto Laroca caracteriza a palavra de acordo com três critérios Azuaga o faz por meio de cinco, propondo dois novos pontos de vista.

O primeiro critério comum às duas autoras relaciona-se com a enunciação sendo as palavras classificadas como unidades fonológicas ou vocábulos fonológicos (terminologias de Azuaga e Laroca, respectivamente), de acordo com processos

* Trabalho realizado durante a disciplina Português IV, orientado pela professora Angela Dionisio, e reescrito com orientação também da professora Virgínia Leal, dentro do Projeto “Atividades de reescrita em espaço escolar: um novo olhar sobre os borrões”, Iniciação à Docência/UFPE.

fonológicos que fazem com que sílabas átonas agrupem-se em torno de uma sílaba tônica. Desse modo, são formados grupos de força - ou seja, palavras - , identificados pelas pausas no ato da enunciação. Sob esse ponto de vista, não são considerados palavras os pronomes átonos, os artigos e alguns conectivos. A oração “[O cavalo] [se machucou.]”, por exemplo, possuiria duas palavras fonológicas, pois as sílabas átonas agrupam-se em torno de apenas duas sílabas tônicas (sublinhadas).

O segundo critério adotado refere-se à modalidade escrita da língua, considerando palavras as unidades lingüísticas delimitadas por espaços em branco ou pontuação. A oração “O cavalo se machucou.”, sob esse ponto de vista, seria composta por quatro palavras ortográficas (nomenclatura de Azuaga).

O terceiro critério adotado tanto por Laroca quanto por Azuaga refere-se aos lexemas, unidades abstratas que convergem significado. A partir dessa unidade lexical abstrata, e que segue um paradigma, são originados os itens lexicais concretos. Sob essa perspectiva, as palavras *é*, *sou*, *foram* seriam representações do lexema SER. Segundo Azuaga, lexema “é o que todas as formas de palavras associadas a ele possuem em comum (...)”. As diferentes flexões de um lexema seriam consideradas formas de palavras (nomenclatura de Azuaga) ou *lexias*, vocábulos formais, itens lexicais ou simplesmente palavras (nomenclaturas de Laroca). As autoras divergem, entretanto, no seguinte aspecto: enquanto Laroca considera que diferentes representações de um lexema sejam palavras distintas, Azuaga possui uma visão dialética sobre o assunto: defende que as representações de um lexema poderiam ser consideradas palavras distintas porque são gráfica e fonologicamente diferentes, porém apresenta também a possibilidade de as representações dos lexemas serem consideradas a mesma palavra, pois realizam o mesmo item vocabular abstrato, o mesmo lexema, e, portanto, encerram significação semelhante.

Outro critério proposto por Azuaga para caracterizar as palavras refere-se a estrutura frástica em que ocorrem; define as palavras morfossintáticas, ou seja, vocábulos dependentes do contexto sintático em que estão inseridos para que seja especificada qual a realização do lexema empregada.

Ex.: O lápis quebrou. (forma singular)

Os lápis quebraram. (forma plural)

3. Análise de *Marcelo*, *marmelo*, *martelo*

O conceito de palavra observado nos livros infantis analisados é bem diferente dos apresentados acima. Para a criança, a idéia de palavra é algo claro; o que a perturba é o significado, o processo de nomeação e formação das palavras, bem como o uso delas num determinado contexto. O livro *Marcelo*, *marmelo*, *martelo* possui vários exemplos que refletem a aguçada percepção morfológica da criança. Marcelo caracteriza-se como sendo questionador e bastante reflexivo sobre as relações morfológicas existentes entre as palavras. Quando ele pergunta “*E por que esse tal de latim não botou na mesa o nome de bacalhau?*” ele inicia sua atuação na narrativa apontando para a arbitrariedade na nomeação das coisas, deixando seu pai atordoado.

O seguinte trecho “*E porque bola não é mulher do bolo? E bule? E belo? E bala?*” revela o conhecimento internalizado da criança sobre a noção de pares ordenados. Ela acredita que os nomes passem para o feminino trocando o O por A, como em belo/bela, e deparar-se com bolo/bola faz com que esse conhecimento do mecanismo de flexão de gênero torne-se confuso. Ainda de acordo com os pares ordenados, Marcelo tenta buscar uma relação entre belo/bule/bolo/bola, que, apesar de

possuírem letras em comum e seqüências silábicas análogas, não encerram cargas semânticas semelhantes:

“(...) Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E traveseiro? Devia se chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim.”

Nesse trecho a criança exprime opiniões que refletem o seu conhecimento lingüístico e a sua percepção do mundo. Marcelo prefere utilizar-se do verbo sentar para a ele acrescentar o sufixo -dor, que significa “agente instrumento de ação” (Cunha:1986,115), por comutação com abridor, regador, transformando o verbo em substantivo, para o qual transferiu o sentido da palavra cadeira. Marcelo cria também a palavra cabeceiro, unindo o radical cabec- ao sufixo -eiro, “sufixo formador de substantivo que caracteriza objetos” (Cunha:1986,115), por analogia com paliteiro, joalheiro etc. Nas duas criações, houve a tentativa de uma maior proximidade entre o sentido da palavra e o seu radical, ou seja, vocábulos morfológicamente mais ligados ao significado que possuem. Mas a ótica de reflexão do Marcelo não põe em xeque a arbitrariedade do signo, como pode parecer em um primeiro momento, já que não resolve a questão da relação entre sentar e “colocar uma determinada parte do corpo em um certa superfície, em ângulo de inclinação específico”. A busca do Marcelo, portanto, é a busca da manutenção de um mesmo radical para todas as palavras irmanadas em um grupo semântico específico.

Outros exemplos extraídos do livro mostram a constante necessidade de Marcelo de associar morfológica e semanticamente as palavras. É interessante notar que, apesar de os termos criados por Marcelo não fazerem parte do léxico português e soarem estranhos à primeira audição, eles estão de acordo com o princípio da gramática internalizada.

É seguindo os critérios de gramaticalidade que ele inventa, pelo processo de composição, o substantivo suco de vaca em oposição a leite. A partir dessa palavra composta, ele cria pelo processo de derivação outra palavra, suco-da-vaqueira, por comutação com chaleira, manteigueira, e em substituição a leiteira. O mesmo ocorre com mexedor/mexedorzinho, em que o verbo mexer serve aos propósitos de Marcelo, ao receber o sufixo -dor, de criar um substantivo que designasse ‘algo que mexe’, em oposição a colher/colherinha, cujas estruturas morfológicas, para ele, não explicitariam seus significados:

- “ - Mamãe, quer me passar o mexedor?*
- Mexedor? Que é isso?*
- Mexerdozinho, de mexer café.*
- Ah... colherinha, você quer dizer.*
- Papai, me dá o suco de vaca?*
- Que é isso, menino!*
- Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira.*
- isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?”*

Em um outro trecho, Marcelo cria solário e lunário, numa tentativa de ligar morfológicamente (com o acréscimo do mesmo sufixo, que traria a mesma relação com o radical) duas palavras pertencentes ao mesmo campo semântico, o que não ocorre com dia e noite:

“Quando vinham visitas, era um caso sério.

Marcelo só cumprimentava dizendo:

-Bom solário, bom lunário... - que era como ele chamava dia e noite.

E os pais de Marcelo morriam de vergonha das visitas.”

Há vários outros exemplos que comprovam a existência de critérios gramaticais seguidos por Marcelo nas suas “invenções”. Todas as palavras criadas por ele através do processo de derivação obedecem à estrutura radical + afixo(s); os termos criados pelo processo de composição também seguem as regras gramaticais, sendo formados por palavras já existentes no léxico e unidas de modo a criar um novo significado para a palavra composta. Marcelo não utiliza a gramática da língua em prol de invenções absurdas, e sim dá origem a palavras que poderiam de fato fazer parte do léxico, pois são formadas por sufixos e radicais existentes no português bem como seguem as normas gramaticais da língua.

4. Análise de *Palavras, palavrinhas & palavrões*

“Era uma vez uma menina que gostava muito de palavras. (...) Para ela todas eram interessantes: às pequenas, as médias e as grandes. As palavrinhas, as palavras e os palavrões.” A partir dessa apresentação, que já mostra o interesse da personagem principal pela linguagem, observa-se o caráter questionador da menina em relação ao uso da língua e a sua tentativa de descobrir na verdade o que são palavrões, partindo do pressuposto que toda criança de certa faixa etária tem de que palavrões são palavras imensas:

“Paralelepípedo? Mesmo com todo cuidado, falando bem devagar, era difícil repetir. A língua dela se enrolava toda com um palavrão desse tamanho. Mas outras vezes tinha umas palavras que ela ouvia sem dificuldade. Nem eram assim tão grandes. Algumas eram até bem pequenas. Mas as pessoas reclamavam.”

Essa espécie de “equivoco” na interpretação da menina do que seria um palavrão faz lembrar a noção desenvolvida por Piaget de Realismo Nominal, retomada por Rego (1983) ao abordar a relação entre o processo de alfabetização e o desenvolvimento cognitivo, em que apresenta uma série de exemplos de crianças em diferentes estágios de reflexão sobre a palavra. Na fase do realismo nominal, não percebendo a arbitrariedade inerente à relação entre significado e significante, as crianças tentam estabelecer uma relação motivada entre eles. Assim, nesse estágio do desenvolvimento cognitivo, em que a criança ainda não atingiu uma análise alfabética das palavras, ela facilmente afirmaria que a palavra mar é maior que a palavra formiga, levada pela associação que faz entre a coisa e a sua representação lingüística: se o mar é grande, a palavra deve ser grande também. Se a formiga é pequena, a palavra formiga deve ser pequena também (apenas para dar um exemplo de como opera a criança ao se deparar com as relações forma-sentido na linguagem). A menina de *Palavras, palavrinhas & palavrões* aparentemente já superou o realismo nominal, uma vez que analisa a palavra em seus aspectos morfológicos. A origem do problema está em ela intuir o que são palavras e, a partir desse conhecimento, deduzir o que seja palavrão. Com a adição do sufixo -ão, notório formador de aumentativo, ela conclui, diferentemente dos adultos, que palavrão é uma palavra grande, com muitas sílabas, levando-a a pensar que providências e paralelepípedo são palavrões.

É interessante lembrar a idéia de Piaget de que a criança não é um adulto imperfeito em miniatura, mas sim que tem uma lógica própria, qualitativamente diferente. O que freqüentemente ocorre nessa história analisada são diferentes leituras para um mesmo texto; a percepção da menina em relação às palavras é diferente da isão de quem interage com ela.

Martins (1982:32-33) afirma que: “A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor.” Essa noção de leitura é bastante válida para compreender a freqüente divergência de interpretações (criança X adultos) para um texto, nesse livro:

“Todos falavam tanto dos palavrões que ela dizia, mas tanto mesmo, que ela resolveu descobrir de uma vez por todas o que era afinal essa história de palavrão. O avô um dia explicou que eram palavras impublicáveis.

O que é isso?

Isso o quê?

Esse palavrão que você acaba de dizer e eu não consigo...

Impublicável?

É...

Isso não é palavrão.

Essa não. Se uma palavra desse tamanho todo não é palavrão, como é que outras tão menores podiam ser?”

Enquanto para a menina impublicáveis é um palavrão, para o avô é uma palavra que vai estar fazendo referência às palavras chamadas de baixo-calão. O conflito acerca do que seriam os palavrões desencadeia uma série de questionamentos sobre a língua e sua estrutura. Há outro exemplo que mostra o caráter questionador da criança frente certas formas de uso da língua, como as gírias e as expressões idiomáticas:

“- Por exemplo, minha filha, quando você andava com a mania de chamar todo mundo de bunda mole...

- Mesmo que eu estivesse pensando numa bunda bem pequenininha?(...)

- De qualquer jeito, é xingamento, é palavrão.

- E gelatina é palavrão?

- Não, que idéia...

- Treme à toa, que nem bunda mole.

- Mas gelatina é comida, não é xingamento.

- Peru também é.

- Ai meu Deus! - suspirou a mãe. - Tem horas que você me faz perder a paciência...”

No exemplo acima, percebe-se a dificuldade de a criança entender o sentido não dicionarizado das palavras, de perceber as diversas possibilidades de significação de um termo (polissemia), que mesmo sendo “pequeno” pode ser um “palavrão”, dependendo do contexto. A definição de polissemia de Mattoso Câmara (1999:194) é a seguinte: “Propriedade da significação lingüística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de um contexto.” Em *Palavras, palavrinhas & palavrões*, a linguagem é vista como forma de interação, pois está inserida em um contexto social, histórico e ideológico. Um dos exemplos mais claros disso é o fato de a palavra pinto

quando falada na feira (onde pintinhos são vendidos) não ser considerada um palavrão, porque o meio em que a língua realiza-se e a cultura que ela reflete assim o concebem:

“- Olha que amor, minha filha... - O quê?

-Ali; olha, um monte de pintos.

- Pinto não é palavrão?

- Na feira, não.

Francoamente, não dava para entender. Como é que as palavras podem ser iguazinhas e ficarem maiores ou menores dependendo do lugar onde a gente está?”

Para ela a palavra pinto é uma só; ela não entende as nuances de significado, habilidade que só têm aqueles que dispõem de uma maior experiência com o uso da língua. A criança ainda não percebe que o sentido depende muito da situação em que o texto é produzido e acha que as palavras possuem uma única significação. Ao se deparar com novos significados infere através de seu conhecimento de mundo e tenta decifrar o sentido, podendo originar alguns mal-entendidos.

Pelo fato de falar tantos palavrões a menina é levada ao médico e estranha que a estejam levando para um local onde, em seu entendimento, há justamente as palavras que ela não deveria falar, palavrões como fonoaudiologia e otorrinolaringologista.

Desde o instante em que entrou na clínica, ela foi ficando muito preocupada. Nunca tinha visto tanto palavrão enorme junto na vida dela. Tinha uma placa com um nome de médico e embaixo estava escrito otorrinolarinologia. Na sala onde os pais entraram com ela estava assim: orientação psicopedagógica. E mais fonoaudiologia. Ela foi ficando assustada. Não dava nem para ler direito essas palavronas.”

Depois de ir ao médico ela pensa que esses “palavrões” que ela viu no hospital eram palavras para assustar as crianças e então decide fazer voto de silêncio. Esse fato explicita a diferença existente entre o mundo lingüístico “dos adultos” e o “das crianças”, que faz com que elas se sintam, por vezes, inadequadas; a adaptação delas à realidade lingüística dos adultos talvez intensifique a arbitrariedade da língua, dado que as crianças têm de se adaptar a algo que lhes é duplamente estranho: à arbitrariedade inerente à língua e a uma espécie de “variante” lingüística que é diferente da sua: a dos adultos.

5. Conclusão

Percebe-se que a concepção de palavra das crianças, refletida nos livros observados, vai muito além dos critérios utilizados pelos estudiosos da Morfologia; a criança tem uma percepção lingüística muito aguçada e, não estando tão limitada pelas normas gramaticais, que posteriormente serão internalizadas através de processos interacionais diversos, sente-se à vontade para questionar a estrutura da língua. Em *Marcelo, marmelo, martelo*, há a tentativa do personagem de tornar as palavras mais “lógicas”, de criar vocábulos morfológicamente mais relacionados ao significado que expressam. Isso revela dois fatos: o primeiro deles é a existência de um conhecimento morfológico internalizado nas crianças. O segundo fato é o caráter crítico e transformador das crianças, que percebem a língua como algo inserido numa realidade, algo com uma função social, a interação comunicativa. Ao contrário de muitos adultos, a criança vê a língua a serviço dos seus falantes; por isso, sente-se livre para criar e, com isso, atender às suas necessidades lingüísticas.

Palavras, palavrinhas & palavrões revela a dificuldade da criança em entender os critérios lingüísticos adotados pelos adultos, que às vezes lhe parecem incompreensíveis. Como a criança está no processo de construção da linguagem a partir das muitas influências que recebe, ela possui um comportamento crítico e procura descobrir o porquê dos “dogmas” em relação à linguagem que lhe são apresentados.

Entende-se, pois, que a relação existente entre as crianças-personagem dos livros analisados e as palavras com que se deparam é muito criativa e produtiva, não se restringindo às concepções comuns aos adultos e aos estudos morfológicos.

Referências bibliográficas:

- AZUAGA, Luíza (1996). Morfologia. In I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte e C. A. M. Gouveia, org. *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa, Caminho, pp. 216-223.
- CÂMARA JR., J. Mattoso (1999). *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis, Vozes.
- CARONE, Flávia de Barros (1998). *Morfossintaxe*. São Paulo, Ática.
- CUNHA, Celso (1986). *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, FAE.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho (1994). *Manual de morfologia do português*. Campinas, EDUFJF.
- MACHADO, Ana Maria (1998). *Palavras, palavrinhas & palavrões*. São Paulo, Quinteto Editorial.
- MARTINS, Maria Helena (1994). *O que é leitura?* São Paulo, Brasiliense.
- REGO, Lúcia Lins Browne (1983). O desenvolvimento cognitivo e a prontidão para a alfabetização. In CARRAHER, Terezinha Nunes, org. *Aprender pensando: contribuições da psicologia cognitiva para a educação*. Recife, Secretaria da Educação do Estado de Pernambuco, pp. 21-38.
- ROCHA, Ruth [19...] *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*. Rio de Janeiro Salamandra.